

## Le rôle de l'assureur dans la crise sanitaire au-delà du contrat d'assurance

Anne Pélissier

Professeur à l'Université de Montpellier (France)  
Responsable du Master Droit des assurances

Face au Covid-19, en matière d'assurance, « la loi contractuelle montre toute sa rigueur » (cf. L. Mayaux, *Coronavirus et assurances des entreprises : la question des pertes sans dommage*). En assurances de dommages, les conséquences pécuniaires des pandémies n'entrent pas, en général, dans le champ des garanties ou font l'objet d'exclusions, en raison du caractère systémique de ce risque. Il n'y a alors rien à attendre du contrat d'assurance. Mais, au-delà du contrat d'assurance, que peut-on attendre des assureurs ? Le Président de la République française a indiqué qu'il se montrerait attentif au fait que les acteurs économiques majeurs, tels que les assureurs, soient au rendez-vous de la mobilisation économique. Passé un mois de confinement en France, et après les deux premières semaines où les initiatives des assureurs ont été jugés « timides », il est possible de porter un regard sur les efforts déjà consentis, comme de réfléchir pour le futur aux moyens de couvrir ce type de pandémie.

**Au présent**, en phase de gestion de la crise sanitaire, les assureurs communiquent sur le soutien apporté à leurs assurés, la participation à l'effort de solidarité nationale et l'investissement dans la prévention.

*Le soutien des assurés* ne passera pas par la négation des règles de l'assurance. Sans prime perçue en couverture d'un risque, l'indemnisation n'est pas concevable. En revanche, s'il n'est pas question d'offrir des garanties qui n'existent pas, un assureur mutualiste a néanmoins décidé de ne pas appliquer l'exclusion « pandémie » figurant dans certains de ces contrats prévoyance. Rien ne s'oppose, en effet, à ce qu'un assureur renonce à invoquer une exception. Toutefois, ce qui peut être fait en prévoyance ou en santé, où l'on projette en France une sinistralité accrue d'environ 1 milliard d'euros, ne peut l'être pour les pertes d'exploitation qui avoisineraient selon les projections plus de 50 milliards d'euros. Parant au plus pressé, les assureurs ont alors plutôt décidé d'agir temporairement sur le terrain des primes : remboursement des primes afférentes aux mois de confinement pour les professionnels en fermeture administrative, gel des primes pour l'année à venir, absence de poursuite pour non-paiement des primes, redistribution de primes automobiles aux assurés en raison de la chute de la sinistralité pendant le confinement (économie estimée après 40 jours de

## O papel da seguradora na crise sanitária para além do contrato de seguro

Anne Pélissier

Professora na Universidade de Montpellier (França)  
Coordenadora do Mestrado em Direito dos Seguros

Diante do Covid-19, em matéria de seguro, "a lei contratual mostra todo o seu rigor" (cf. L. Mayaux, *Coronavirus et assurances des entreprises: la question des pertes sans dommage*). Nos seguros de danos, as consequências patrimoniais de pandemias não se enquadram, em geral, no escopo das garantias ou são objeto de exclusão, em razão da natureza sistêmica desse risco. Não há nada a esperar do contrato de seguro. Mas, para além do contrato de seguro, o que se pode esperar das seguradoras? O Presidente da República Francesa indicou que estaria atento ao fato de que os principais agentes econômicos, como as seguradoras, são centrais à mobilização econômica. Após um mês de quarentena na França, e após as duas primeiras semanas, em que as iniciativas das seguradoras foram consideradas "tímidas", é possível olhar os esforços já feitos e também refletir sobre o futuro a fim de encontrar modos de cobrir situações de pandemia.

**Atualmente**, em meio à gestão da crise sanitária, as seguradoras informam sobre o apoio prestado a seus segurados, a participação no esforço nacional de solidariedade e o investimento em prevenção.

*O apoio ao segurado* não passará pela negação das normas do seguro. Sem um prêmio recebido para cobertura de um risco, a indenização não é viável. Por outro lado, mesmo que não se trate de oferecer garantias inexistentes, uma seguradora decidiu, todavia, não aplicar a exclusão de "pandemia" presente em certos contratos de previdência. Não há nada que impeça, de fato, a seguradora de renunciar a uma exceção. No entanto, o que pode ser feito para seguros de previdência ou saúde, em que o estimado aumento desinistralidade, na França, é de cerca de € 1 bilhão de euros, não pode ser feito para perdas operacionais, estimadas em mais de € 50 bilhões de euros. Diante de questões mais urgentes, as seguradoras decidiram, em vez disso, agir temporariamente no campo dos prêmios: reembolso dos prêmios relativos aos meses de quarentena para profissionais cujos estabelecimentos foram fechados por decisão administrativa, congelamento dos prêmios para o próximo ano, ausência de cobrança por não pagamento de prêmios, redistribuição dos prêmios de seguro automóvel aos segurados, devido à queda na sinistralidade durante a quarentena (economia estimada, após 40 dias de quarentena, em

confinement à 300 millions d'euros)...

L'accent est également mis sur l'assistance des assurés : création de hotline pour délivrer des renseignements et conseils juridiques aux assurés en dehors de toute garantie de protection juridique ou mise en place d'un service d'assistance psychologique. Ces initiatives sont plus intenses pour les personnes les plus exposées au virus. Les personnes vulnérables, pour lesquelles certains assureurs ont mis en place des appels de courtoisie afin de prendre des nouvelles des assurés et de savoir s'ils ne manquent de rien. Il a également été décidé que l'indemnisation de leurs arrêts de travail serait prolongée en tout état de cause jusqu'à la fin du confinement. Les professionnels de santé bien sûr ne sont pas oubliés : levée des franchises pour les contrats de prévoyance individuelle des personnes testées positives au Covid-19, dépannage automobile entièrement pris en charge, élargissement de la couverture de l'assurance de responsabilité civile aux assurés et retraités pour la pratique de la télémedecine et de tous les actes relevant de la lutte contre le coronavirus. Il faut bien le reconnaître, les idées ne manquent pas mais les initiatives sont disparates et désordonnées et ne sont pas de nature à contribuer en profondeur à la réduction de l'onde de choc provoquée par cette pandémie.

C'est pourquoi, il est essentiel que *le soutien des assureurs dépasse le simple cercle de leurs assurés et soit mobilisé dans une optique de solidarité nationale*. Acteurs économiques majeurs, la solidarité des assureurs est attendue au soutien de l'économie. La profession a ainsi annoncé une contribution de 200 puis de 400 millions d'euros au fonds de solidarité créée par l'Etat pour venir au soutien des entreprises qui ont dû fermer en raison du virus ou dont le chiffre d'affaires a été drastiquement amputé. Les assureurs s'engagent également dans un programme d'investissement global d'au moins 1,5 milliards d'euros en particulier en faveur des petits et moyennes entreprises et du secteur de la santé. De manière plus sporadique, de nombreux fonds sont créés et/ou alimentés pour des personnes ou activités souffrant particulièrement de la pandémie : les soignants en difficulté, les victimes de violences conjugales ou encore, par exemple, les artistes et techniciens intermittents du spectacle.

Acteur économique majeur mais également acteur incontournable en matière de *prévention*, l'assureur est très attendu dans le soutien qu'il peut apporter à la recherche sur le covid-19, son traitement et sa prévention, et plus largement sur les pandémies. Car, en effet, gérer la crise par des mesures ponctuelles afin de colmater les brèches d'un risque qui s'est

€300 milhões de euros)...

Também é dada ênfase à assistência aos segurados: criação de uma linha direta para fornecer informações e conselhos jurídicos aos segurados, além de garantia de proteção jurídica ou criação de um serviço de assistência psicológica. Essas iniciativas são mais intensas para as pessoas mais expostas ao vírus, como pessoas vulneráveis, para as quais algumas seguradoras fizeram ligações de cortesia para receber notícias do segurado e saber se nada lhes faltava. Também foi decidido que a indenização pela interrupção de trabalho seria estendida até o final da quarentena. Os profissionais de saúde, é claro, não foram esquecidos: renúncia a franquias, em contratos de previdência individual, para pessoas com teste positivo para Covid-19, assistência de automóvel totalmente amparada, ampliação da cobertura do seguro de responsabilidade civil para segurados e aposentados para a prática de telemedicina e de todos os atos relevantes à luta contra o coronavírus. Deve-se reconhecer que não faltam ideias, mas as iniciativas são díspares e desordenadas, e provavelmente não contribuirão profundamente para reduzir a onda de choque causada por essa pandemia.

É por isso que é essencial que *o apoio das seguradoras vá além do mero círculo de seus segurados e seja mobilizado com vistas à solidariedade nacional*. Como importantes agentes econômicos, espera-se que a solidariedade das seguradoras apoie a economia. O setor também anunciou uma contribuição de €200 e, depois, 400 milhões de euros ao fundo de solidariedade criado pelo Estado para apoiar empresas que tiveram de encerrar atividades devido ao vírus, ou cujo fluxo de negócios foi drasticamente reduzido. As seguradoras também se comprometeram com um programa global de investimentos de, pelo menos, €1,5 bilhão de euros, em particular para auxiliar pequenas e médias empresas e o setor de saúde. De modo mais esporádico, muitos fundos são criados e/ou financiados para beneficiar pessoas ou atividades particularmente afetadas pela pandemia: cuidadores em dificuldade, vítimas de violência doméstica ou, por exemplo, artistas e técnicos da indústria do entretenimento.

Sendo um importante agente econômico e também um agente necessário em matéria de *prevenção*, aguarda-se com grande expectativa o apoio que as seguradoras podem oferecer à pesquisa sobre o Covid-19, seu tratamento e prevenção e, mais amplamente, sobre as pandemias. De fato, gerenciar a crise por meio de medidas específicas, a fim de colmatar as lacunas de um risco que já se verificou, é

déjà réalisé est l'enjeu immédiat mais, l'enjeu de demain sera de prévenir et de tirer les leçons de cette crise sanitaire pour préparer un système destiné à trouver les moyens d'indemniser.

**Au futur**, en phase d'anticipation de futures crises sanitaires, le défi est d'imaginer la meilleure des solutions possible pour en améliorer l'indemnisation. Le recours à l'assurance est à l'évidence l'une des pistes à explorer et les réflexions commencent d'ailleurs à s'étoffer. En France, comme dans beaucoup d'autres pays, des modèles existent pour parvenir, en dépit de l'inassurabilité de certains risques, à dégager une indemnisation. Le plus connu est sans aucun doute la garantie obligatoire des catastrophes naturelles, existant depuis 1982. Cette extension de garantie a été introduite dans tous les contrats d'assurance dommages aux biens, avec une surprime corrélative destinée aux assureurs, à la Caisse centrale de réassurance, réassureur public auquel l'Etat apporte une garantie illimitée, et à alimenter un fonds de prévention. La garantie est déclenchée lorsqu'est pris un arrêté interministériel de catastrophe naturelle et sont alors indemnisés les dommages matériels directs non assurables ayant eu pour cause déterminante l'intensité anormale d'un agent naturel (art. L. 125-1 C.ass.). Ce système assurantiel articulant l'assurance privée et la réassurance publique pourrait être étendu aux catastrophes sanitaires avec une extension corrélative bien sûr de la surprime et, le cas échéant, des contrats socles. D'autres mécanismes permettent de réfléchir à des variantes. Le régime des calamités agricoles, par exemple, pour lequel c'est un fonds qui permet d'indemniser les agriculteurs pour leurs pertes en cas d'événements climatiques exceptionnels, ou encore les risques d'attentats et actes de terrorisme dont la réassurance est gérée par un pool d'assureurs. Les bonnes volontés, en particulier politiques, ne manquent pas pour accélérer les réflexions. Toutefois, « prudence est mère de sûreté ». La précipitation n'est jamais bonne conseillère. Si l'agent naturel et l'agent épidémique entretiennent la parenté de pouvoir basculer sur des conséquences catastrophiques, les risques, comme les sinistres qui en résultent, demeurent très différents. La prudence invite à parfaire la connaissance de ces crises pandémiques avant d'élaborer un système d'indemnisation adapté.

o desafio imediato, mas o desafio de amanhã será prevenir e tirar lições desta crise sanitária para preparar um sistema destinado a encontrar meios de indenizar.

**Futuramente**, para antecipação de futuras crises sanitárias, o desafio é imaginar a melhor solução possível para aprimorar a indenização. A utilização do seguro é, naturalmente, um dos caminhos a se explorar e as reflexões estão começando a se desenvolver. Na França, como em muitos outros países, existem modelos para, apesar da inasegurabilidade de certos riscos, conceder indenização. O mais conhecido é, sem dúvida, a garantia obrigatória para catástrofes naturais, existente desde 1982. Essa extensão da garantia foi introduzida em todos os contratos de seguro de danos, com um prêmio adicional correspondente destinado às seguradoras, no Fundo Central de Resseguro, um ressegurador público ao qual o Estado fornece garantia ilimitada, e a um fundo de prevenção. A garantia é acionada quando é adotada uma ordem interministerial de catástrofe natural e são indenizados danos materiais diretos não asseguráveis, tendo como causa determinante a intensidade anormal de um agente natural (art. L. 125-1 C.ass.) Esse sistema de seguro, que combina seguro privado e resseguro público, poderia ser estendido às catástrofes sanitárias, com um correlativo prêmio adicional e, quando aplicável, contratos de base ("*contrats socles*"). Outros mecanismos nos permitem pensar em alternativas. O regime de calamidades agrícolas, por exemplo, em que um fundo compensa os agricultores por suas perdas em caso de eventos climáticos excepcionais, ou, ainda, os riscos de atentados e atos de terrorismo, em que o resseguro é gerenciado por um conjunto de seguradoras. Não falta boa vontade, particularmente política, para acelerar as reflexões. No entanto, "a prudência é a mãe da segurança". A pressa nunca é boa conselheira. Tanto o agente natural quanto o agente epidemiológico têm, em comum, a capacidade de impor consequências catastróficas, mas os riscos, bem como os sinistros resultantes, são muito diferentes. A prudência demanda o aprimoramento do conhecimento sobre essas crises de pandemia, antes da elaboração de um sistema de compensação apropriado.